

XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
Aspectos Didáticos da Extensão Rural para o Desenvolvimento Local¹
Irenilda de Souza Lima - UFRPE²

Este trabalho tem como objetivo realçar aspectos didáticos a serem considerados para uma proposta de atividades de educação rural e extensão rural com vistas a promoção do desenvolvimento local. Contribuir também com a valorização de estratégias educativas, recursos e metodologias que privilegie os saberes populares e as culturas locais. Esta proposta também está alinhada com os princípios norteadores de um projeto de desenvolvimento local, principalmente, na perspectiva do tipo de educação proposta por Paulo Freire e faz associações com outros enfoques teóricos que adotam como princípio que a educação é comunicação na medida que é o encontro de sujeitos cognoscentes mediatizados pelo mundo cultural de cada sujeito e de um contexto geral mais abrangente.

Palavras chaves: Extensão Rural; Desenvolvimento Local; Educação Agrícola; Didática.

¹ Trabalho apresentado ao NP 09 – Comunicação Científica e Ambiental, do IV Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutora em Ciências da Comunicação e professora do Depto de Educação da UFRPE.

XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
Aspectos Didáticos da Extensão Rural para o Desenvolvimento Local³

Irenilda de Souza Lima - UFRPE⁴

Uma didática que surja de nós mesmos é o título de um texto da educadora Argentina Maria Tereza Nidelcoff. Escrito e direcionado para os programas de formação de professores nas ciências sociais, chama a atenção para a adoção de recursos e metodologias contextualizadas tanto para as peculiaridades dos grupos de alunos como também que não despersonalize quem delas se utilize. Mesmo que originalmente este artigo tenha sido escrito para a didática escolar, é pertinente repensa-lo para outros públicos e para outras práticas sociais também educativas. Este conteúdo instigador serviu de motivação para pensar sobre o mesmo assunto na área de formação de gestores de desenvolvimento local que tenham como propósito à construção de estratégias de extensão rural para o desenvolvimento local e de educação como comunicação e comunicação a partir da cultura.

Sobre a compreensão de desenvolvimento local, podemos salientar que é entendido como um projeto, um processo de viabilidade de oportunidades, organizadas desde a base, endógeno. Vivenciado num contexto territorial para a promoção de melhoria de qualidade de vida dos membros da comunidade. Embora não negue o apoio externo, este tipo de desenvolvimento se contrapõe ao desenvolvimento no modelo tradicional principalmente pelo aspecto de considerar a identidade local e a comunicação pelo diálogo.

Outra concepção de desenvolvimento local é dada por De Jesus (2003:72):

“Se trata de um esforço localizado e concertado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e efetivos recursos locais”.

³ Trabalho apresentado ao NP 09 – Comunicação Científica e Ambiental, do IV Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação e professora do Depto de Educação da UFRPE.

As idéias de contextualização são primordiais na conceituação de desenvolvimento local e estão também presentes no pensamento de Milton Santos (1997) quando ao pensar a relação entre o local e o global, expressa o que, mesmo nos recantos onde os valores de mundialização são muito fortes, repensar a questão do local surge como uma revanche. Afirma ainda que estamos perante uma dialética do território, das geografias da desigualdade produzidas pelo sistema-mundo, as quais permitem ver o território como dimensão histórica do processo de globalização e ao mesmo tempo de fragmentação.

Continuando a pensar sobre a valorização do local, encontramos em Ferrara (1997) que um povo será tanto mais livre das suas contradições locais quanto mais apto for para integrá-las e, assim, superá-las. O povo deve tornar eficiente a sua capacidade de processar as diferenças locais e projetar o local no global e se explicar nessa projeção. Ou seja, não se trata de traduzir as realidades econômicas, sociais e culturais local à luz de um modelo externo ou estranho que se propõe como meta a ser atingida, mas, ao contrário, trata-se de ler o local no parâmetro das diferenças que estabelecem particularidades e, aí, alicerçam sua identificação.

Auxiliar os grupos sociais a melhor se integrarem é tarefa apropriada para atividades de extensão rural e de educação rural.

Um exemplo prático desta teorização onde a ênfase é o fortalecimento das relações horizontais pode ser dado na seguinte citação: os produtores rurais se reúnem para defenderem os seus interesses, o que lhes permite passar de um consumo puramente econômico, necessário às respectivas produções, a um consumo político localmente definido e que contam com o apoio de facilitadores e educadores na perspectiva de um projeto educativo nos moldes da extensão rural baseada no que está proposto no pensamento de Paulo Freire.

O agir educativo baseado no conhecimento do público, de sua lógica cultural e de produção, conhecimentos trazidos, ecossistemas e identidades locais pode trazer muito mais possibilidades para a promoção de uma aprendizagem efetiva. Como princípio básico estes elementos estruturantes colaboram cognitivamente para que de fato haja um alcance democrático na oportunidade de acesso ao saber e que todas as pessoas sejam atendidas com metodologias adequadas, o que facilitará que de fato aprendam ou que de verdade haja mudança conceitual e significativa.

Outra abordagem pedagógica que coaduna com este interesse de garantir metodologias contextualizadas e que torne democrático o acesso à aquisição do conhecimento encontra-se em Comenius. Reconhecido como o Pai da didática Comenius estabeleceu alguns princípios que devem reger as ações educativas. Nascido em 1592, na Moravia, Jan Amos Comenius, tem grande influência até hoje no desenvolvimento da didática e a partir de seus primeiros escritos está a base de se levar em consideração principalmente à universalização do saber. A idéia de universalização é que todos devem ter direito e acesso à informação e a educação. A democratização do saber está muito atrelada a função do educador em considerar a característica de seu público e adotar estratégias para que aprendam. A principal obra de Comenius foi a Didática Magna e provavelmente a fé cristã do autor forneceu a inspiração necessária para se pensar em um mundo único, justo e que todos tenha igualmente oportunidade de estudar, numa época onde havia a exclusão do processo de escolarização para as mulheres e aos cidadãos não livres. Esta premissa de defender o acesso de todos à escolaridade, estaria em conformidade com a vontade divina, ou seja, que todos tenham direito à salvação e a graça divina. Igualmente na vida secular os direitos devem ser igualmente garantidos a todos e todas.

Considerar o saber local e também o saber individual é muito importante para qualquer prática educativa e deve ser considerado nas escolhas de estratégias didáticas e metodológicas.

Parece que a educação escolar e a educação que ocorre em outras práticas sociais fora da escola, têm sido predominantemente apresentada de forma dicotômica. Mas algumas iniciativas já unificam estes mundos predominantemente dualizados. Assim podemos usar como exemplo os programas e conteúdos vivenciados na formação proposta durante o curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE. Este curso tem como objetivo a formação do educador agrícola, traz não somente a formação do professor para o espaço de sala de aula, mas, sobretudo a intenção de desenvolver a competência de gestor de desenvolvimento local. E competência aqui tem a conotação proposta por Perrenoud (2000) que diferencia competência e habilidade. Habilidade como possibilidade de reprodução de uma idéia e competência como capacidade de dispor o conhecimento para ser mobilizado, ou seja, como a capacidade de reelaborar o conhecimento e de utilizá-lo em outras situações.

Se por um lado está em pauta a reivindicação de que as atividades de extensão rural tenham bem presente a preocupação com a ação educativa, do outro lado já é premissa básica que os cursos que formam professores para a educação no campo tenham a perspectiva de uma prática pedagógica que não se limite ao espaço de sala de aula. A idéia é a promoção da formação de um educador para pensar e agir sobre a educação para além dos muros da escola. E mais do que isso que consiga trazer o público não matriculado regularmente na escola, principalmente os agricultores familiares para participarem de um projeto de escola como centro do desenvolvimento local.

Durante o curso, verifica-se também o desejo de todo o futuro educador rural que a sua formação pedagógica, na universidade, lhe proporcione os saberes necessários para uma boa prática pedagógica. Também almejam aprender a manusear as chamadas capacidades e “ferramentas” necessárias para uma boa didática, e assim aprendam as melhores formas de lidar com o espaço escolar, mas principalmente com o público não matriculado na escolaridade regular. A pergunta mais freqüente é a seguinte: Como fazer uma abordagem com públicos com estilo de vida diferente do perfil mais ou menos homogêneo do público escolar e ao mesmo tempo considerar também o caráter social da construção dos conhecimentos?

A idéia de Nildecoff de uma didática que surja de nós mesmos pode muito bem ser reconhecida na proposta de formação de professores do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE. Este projeto formativo busca contribuir com a formação de educadores comprometidos em valorizar estratégias educativas que privilegie os saberes populares e as culturas locais. Esta proposta também é está alinhada com os princípios norteadores de um projeto de desenvolvimento local principalmente na perspectiva de sustentabilidade e do tipo de educação proposto por Paulo Freire.

E para Paulo Freire (1977) a ação educativa tanto do extensionista como do professor deve ser de comunicação, se quiser chegar ao homem, não ao ser abstrato, mas ao ser concreto inserido em uma realidade histórica.

Para Tavares de Lima e Figueiredo (2003:82) na formação de educadores agrícolas são realizadas atividades na possibilidade de que haja um diálogo entre o saber acadêmico e o popular fazendo a articulação para um novo conhecimento...

“Práticas sociais as mais variadas e em distintas situações foram oferecidas, podendo ser relacionadas atividades de educação ambiental, educação de jovens e adultos. Assessoria a assentamentos rurais e conjuntos habitacionais de baixa renda como objetivo de identificar melhoria de vida e de renda. Curso e treinamentos, visitas e experiências de referencia, instituição de prêmios de produção acadêmica para assuntos relacionados com a educação e meio ambientes. Práticas que ajudaram no delineamento de um projeto político-pedagógico de formação em que a diversidade, o diálogo e a constante reflexão destas ações foram uma constante no processo e proporcionou alterações conceituais importantes. (...) se desenvolveu uma série de instrumentos e procedimentos de intervenção, que, socialmente construídos, incorporaram o conhecimento local, o que contribuiu para o uso e a mudança de comportamento em relação a sua atitude em relação ao mundo”.

As atividades propostas neste projeto formativo estão coerentes com o pensamento de Paulo Freire (1977:69) quando sustenta que: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Outra linha teórica a ser pensada para uma proposta de educação comunicativa e a partir da cultura local vem de Driver e sua equipe da Universidade de Leeds, Inglaterra (Driver 1986). Baseada nos estudos cognitivistas deste grupo podemos observar as seguintes recomendações, mesmo criadas para a didática escolar, podem também nortear as metodologias de intervenção na extensão rural para o desenvolvimento local, são elas: a) identificar as idéias das pessoas e dos grupos sociais e suas próprias perspectivas sobre desenvolvimento e melhoria de vida. b) Colocar em questão as referidas idéias mediante contra-exemplo e questionamentos. c) negociação de significados para introdução de novos conceitos e novas possibilidades. D) utilização das novas idéias em outros contextos. O saber em processo de reelaboração.

Tanto Paulo Freire, como Driver, trazem idéias contemporâneas para uma educação que seja significativa. Estas idéias devem ser aprofundadas para torná-las sempre coerentes com o objetivo de gerar a participação, o diálogo e a valorização da cultura local experienciada. Mesmo porque a cultura local já considerada significativa e suficientemente útil para a sobrevivência daqueles que naquele contexto vivem.

Outra tarefa importante para viabilização de um projeto pedagógico contextualizado é saber preparar e dirigir este contato de modo que a metodologia de trabalho seja adequada

ao grupo social. Estes argumentos nos fazem lembrar que o uso de metodologias inadequadas pode gerar um resultado frustrante tanto para quem coordena as ações como para quem é público.

Parece bem evidente que metodologias superficiais, descontextualizadas ou sem adequação, estão propensas a serem inúteis e também prejudiciais. Assim, podemos observar que, por exemplo, adultos analfabetos que tentam tentado mais de uma vez serem alfabetizados são muitas vezes expostos a metodologias e linguagens inadequadas ao seu mundo e seu nível cognitivo. As inúmeras experiências em cursos de alfabetização, sem, no entanto conseguirem aprender a ler e a escrever, conseguem estigmatiza-los como ignorantes e incapazes. Mas, na maioria das vezes, o grande motivo do fracasso justifica-se pelo despreparo do alfabetizado e ou pelo uso de metodologias e recursos inadequados para aquela pessoa e para o grupo social.

Com já citamos anteriormente, em Milton Santos (1998), a valorização da cultura local, surge como uma espécie de compensação ao processo de globalização feito de forma vertical e com tendência a desumanização. Estas idéias devem ser consideradas para a prática educativa.

Ainda do campo teórico da educação outras referencias podem servir de embasamento para as perspectivas de uma didática para o desenvolvimento local. Considero pertinente, para associar educação cognitivista, extensão rural, educação rural e desenvolvimento local, outros teóricos como: David Ausubel (1980) com o conceito de aprendizagem significativa; Edgar Morin (1996) com as idéias da Teoria da Complexidade. Para a base das escolhas de estratégias didáticas e metodologias apropriadas para grupos com culturas peculiares, podemos seguir a inspiração das abordagens etnometodológicas. Tais metodologias servem para atendimentos de grupos etnicamente definidos ou com cultura local definida em suas peculiaridades sociais e de interesses baseados nos aspectos de relevância situacional. A participação e o diálogo devem ser igualmente relevantes para práticas educativas com estes diferentes públicos.

E sobre etnometodologia, vale registrar que este termo foi criado por Harold Garfinkel, na década de quarenta, quando empreendeu um estudo sobre um grupo de jurados e sobre a peculiaridade com que este grupo elaborava os seus conhecimentos e seus julgamentos. Já nas décadas seguintes com os estudos realizados tanto por Garfinkel e por

outros estudiosos, a etnometodologia adquiriu vida própria. Preocupado com o senso comum, o pioneiro da etnometodologia diz que na vida cotidiana as pessoas são "teóricos práticos".

Segundo Haguette (1999:49):

“A etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como elas se tornam visíveis, racionais e reportáveis... (...) a etnometodologia procura descobrir os” métodos “que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade a fim de construir a realidade social; procura descobrir também a natureza da realidade que elas constroem”.

Portanto a escolha de técnicas e metodologias adequadas para trabalho de educação escolar, como também no fazer educativo em contextos não formais, deve ser pautada na visão de que a sociedade transforma-se numa velocidade vertiginosa e que as ações educativas devem ser pensadas abolindo preferencialmente os aspectos de reprodução de modelos gerais ou por que não dizer, modelos genéricos, onde o pensamento pedagógico equivocado possa admitir que é possível ensinar tudo a todos e do mesmo jeito. Devemos investir na construção de modelos que se legitimem a partir de suas demandas específicas, de um processo histórico e social onde o local seja considerado. Caracterizando um processo dialético realizado no encontro de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo mundo.

De forma ainda que resumida e sugestiva, vejamos algumas recomendações para a vivência de uma didática que surja de nós mesmos, e que seja condizente com o projeto de construção de estratégias de intervenção, com base na comunicação dialogada.

Sugestões de roteiro a partir de uma abordagem contemporânea e que vise uma ação educativa na extensão rural para o desenvolvimento local:

- 1- Adota como princípio que a educação é comunicação na medida que é o encontro de sujeitos cognoscentes mediatizados pelo mundo cultural de cada sujeito e de um contexto geral mais abrangente (Freire, 1977).

- 2- Identificar e considerar as idéias das pessoas e dos grupos sociais e suas próprias perspectivas de melhoria de vida e projetos coletivos (Gil Pérez D. & Carvalho, A. M. P. 2000).
- 3- Valorizar as idéias e ao mesmo tempo colocar em questão as referidas idéias mediante contra-exemplo e questionamentos e na possibilidade de mediação.
- 4- Negociação de significados para introdução de novos conceitos e novas possibilidades (Gil Pérez D. & Carvalho, A. M. P. 2000).
- 5- Utilização das novas idéias em outros contextos. O saber em processo de reelaboração (Gil Pérez D. & Carvalho, A. M. P. 2000).
- 6- Reconhecer o papel do mediador de processos educativos situando-o como autor, co-autor, co-criador e sujeito no processo de gestão do desenvolvimento local significativo (Lima, 2002)
- 7- Estudar os recursos e as metodologias em experiências onde predomine a busca a parceria, participação e a aprendizagem que seja significativa.
- 8- Estudar e construir alternativas de uso e reflexão. e valorização da didática que surja a partir do perfil de cada profissional e do uso de elementos com a peculiaridade local.

Nas considerações finais, desta tentativa de contribuição sobre a valorização do local, uma alternativa muito interessante é a negociação proposta por Canclini (1997). Criticando a polarização no enfoque de uma realidade, onde e por exemplo, as complexas relações entre hegemonia e subalternidade, foram reduzidas a um confronto rígido e bipolar. A partir daí sinaliza para a negociação como componente-chave no funcionamento das instituições e campos sócio-culturais. Adverte ainda que existem tendências mundiais que imaginaram que a modernização acabaria com as formas de nativas de produção, as crenças e os bens tradicionais. Reforça ainda o autor que a modernização não os suprime e o caminho é a mediação na perspectiva de negociação de significados.

Assim, devemos pensar na construção de novas estratégias de intervenção visando valorizar o local em vários aspectos de sua identidade. A partir da base da sociedade territorial, encontrar caminhos que nos libere dos modelos tradicionais de intervenção. Para isso devemos investir na formação de mediadores para projetos educativos e como diz Tavares de Lima (2003:92):

“A formação profissional é um enorme desafio. E formar para um mundo com uma outra lógica produtiva imposta pela velocidade da informação hoje existente, onde tantos conceitos parecem superados e tantos pensados superados reaparecem, exigem cautela e o abandono definitivo de verdades absolutas”.

E finalmente devemos pensar numa didática que surja de nos mesmos como uma possibilidade e ao mesmo tempo um desafio. Um estímulo na direção da construção de propostas para atuação de prática de extensão rural, como uma prática educativa, para um desenvolvimento local que possa promover, reconhecer, valorizar e restaurar o homem e a mulher das camadas sociais menos privilegiadas de sua dignidade, reconhecendo-os como sujeitos cognoscentes.

Referências Bibliográficas.

CALLOU, Ângelo Brás F.(org). Comunicação Rural e o Novo Espaço Agrário.São Paulo.INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1999. (Coleção GTs INTERCOM; nº 8).

CANCLINI, Nestor. G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

DE JESUS, Paulo. Desenvolvimento Local. In Cattani, A. David. (org). A Outra Economia. Porto Alegre: Vaz Editores. 2003. P. 72-75.

DRIVER, R. Psicologia Cognitiva y Esquemas Conceptuales de los Alumnos. Enseñanza de las ciencias, 1986, 4 (1) pp 3-15.

FERRARA, Lucrécia D`Aléssio. O Mapa da Mina: espaço e lugar. In Novo Mapa do Mundo: Fim de século e globalização. Ed. Hucitec.São Paulo.3ª ed. 1997.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1983.

GIL Pérez D. & CARVALHO, A. M. P. Formação dos Professores de Ciências. Cortez. Coleção Questões da Nossa Época.

LIMA, Irenilda de Souza. Mídia educativa: o uso do vídeo no ensino técnico agrícola em Pernambuco. 2002, 202 p.Tese (doutorado em Ciências da Comunicação), ECA – Universidade de São Paulo

MARTINEZ DE-TODA, J. S. J. Metodologia Evaluativa de La Educacion para los Medios: su aplicacion com un instrumento multidimensional. Pontificia Universitas Gregoriana, Roma. Itália. 1998.

MOREIRA, M. A. Pesquisa em Ensino: aspectos metodológicos e referenciais teóricos à luz do Vê epistemológico de Gowin. São Paulo:EPU, 1990.

NIDELCOFF, María Tereza. As ciências Sociais na Escola. Ed. Brasiliense.1987

PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar; trad. Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, Milton. O retorno do Território. In Território: globalização e Fragmentação. Ed. Hucitec.SP. 4ª ed. 15-20.1998.

SANTOS, Milton. et al (organizadores). O Novo Mapa do Mundo: Fim de século e globalização. Ed. Hucitec.São Paulo.3ª ed. 1997.

TAVARES DE LIMA , Jorge R. e Figueiredo. Marco A B. Extensão Rural e Desenvolvimento Local. In TAVARES DE LIMA, J. R. (ORG). Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável.Recife: Bagaço. 2003. P. 71-92.